
O CULTIVO DA ESPIRITUALIDADE EM ESPAÇOS EDUCATIVOS A PARTIR DO RELATO DAS EXPERIÊNCIAS DE JOVENS DE ENSINO MÉDIO MARISTA*

DOI 10.18224/frag.v33i2.13413

LUIZ GUSTAVO SANTOS TESSARO**

PATRÍCIA ESPÍNDOLA DE LIMA TEIXEIRA***

Resumo: mudanças culturais e sociais têm desencadeado múltiplos desafios às iniciativas de atuação com jovens em variados contextos. Do ponto de vista das vivências espirituais juvenis em espaços escolares, os desafios englobam o (re)pensar o acolhimento e o engajamento destes em espaços de identidade cristã. Assim, a partir da análise dos dados de um estudo divulgado em 2020, objetivou-se averiguar aspectos do cultivo da espiritualidade expressas nas experiências relatadas por jovens estudantes de Ensino Médio. Os resultados apontaram para uma multiplicidade de vivências, ora denotando o fomento o engajamento e participação juvenil, ora um distanciamento das decisões elou a aparente passividade juvenil diante das iniciativas. Interculturalidade, práticas de interioridade, espiritualidade cristã ou não-cristã, diferentes experiências religiosas e não-religiosas se mostraram vigentes. Conclui-se acentuando o diálogo como método de acompanhamento e ressaltando a necessidade de constante atualização teórica e prática que embase ações fortalecedoras da cultura do encontro com jovens.

Palavras-chave: Juventudes. Estudantes. Educação. Ensino Médio. Espiritualidade.

Impulsionada pelo Concílio Vaticano II, a Igreja Católica da América Latina segue apontando sua recepção criativa ao optar preferencialmente pelos jovens como agentes de transformação social e eclesial¹. Seguindo na esteira conciliar, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco refere a urgência da renovação das formas de anúncio da fé no mundo atual, através

* Recebido em: 29.05.2022. Aprovado em: 08.11.2023.

** Mestre em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP). Pós-graduado em Psicologia Positiva e Terapia-Cognitivo-Comportamental e em Teologia Pastoral pela PUCRS. Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário Metodista IPA (RS). Especialista Técnico do Observatório Juventudes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)/Rede Marista. Docente do curso de Psicologia da Faculdade FACTUM. *E-mail:* luiz.tessaro@puccrs.br

*** Doutora em Teologia (PUCRS). Mestre em Teologia Sistemática com ênfase em antropologia e formação integral (PUCRS). Licenciada em Pedagogia (PUCRS, 2000). *E-mail:* patricia.espindola@puccrs.br

da dinâmica da alegria transformadora e comunicativa. Expressões como “primeirar”, envolver-se, acompanhar, comprometer-se, “inculturar-se”, sair da zona de conforto, superar a pastoral alfandegária, cuidar da fragilidade, indicam a tenacidade em ocupar-se mais em iniciar processos do que possuir espaços (FRANCISCO, 2013).

Fato é que a atuação com os jovens, sofreu e vem sofrendo fortes impactos das transformações contemporâneas, de forma que eles, não raras vezes, têm dificuldade de encontrar as respostas que procuram nas estruturas oferecidas (FRANCISCO, 2019). As diferentes formas de violência, o desenraizamento cultural, a secularização (nas circunstâncias em que ela representa obstáculos), o advento do ambiente tecnológico digital, o desemprego juvenil, a cultura do descarte e o fenômeno das migrações são alguns exemplos dessas mudanças culturais – apontadas no Sínodo “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” – às quais as juventudes estão inseridas e que contribuem para o surgimento de diferentes inquietações e anseios (FRANCISCO, 2019; XV Assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos, 2019).

Pode-se considerar também, a marca dos direitos humanos não suficientemente universais, que impõe a cultura do descarte excludente que atinge fortemente a integridade das jovens gerações (FRANCISCO, 2020). Além disso, a pandemia de COVID-19 também precisa ser considerada como mais um evento promotor de drásticas mudanças na vida do jovem em diversos aspectos, tais como na sua relação com a escola, com o lazer, com a cidade (OLIVEIRA, 2020) e, certamente, na abertura ao Transcendente, enquanto espiritualidade e/ou experiência religiosa.

Há ainda uma pluralidade de contextos que determina diferentes impactos dessas mudanças nos jovens. Variáveis múltiplas, tais como econômicas, culturais, educacionais e geográficas, incidem no que é ser jovem hoje, muito além de uma determinação meramente etária, dos 15 aos 29 anos, conforme regulamentado na legislação brasileira (ESTATUTO DA JUVENTUDE, 2013). Por conseguinte, é possível compreender a existência não de uma única cultura juvenil ou uma juventude padronizada, mas de múltiplas realidades juvenis contemporâneas, resultando na preferência de alguns pesquisadores do campo pelo uso do termo “juventudes”, no plural, enfatizando os distintos modos de ser jovem (DAYRELL; CARRANO, 2014).

Dessa maneira, nos espaços educativos de identidade cristã, a atuação com juventudes, merece (re)leituras das complexidades que envolvem processos de subjetivação e de socialização, a fim de conhecer e promover a pessoa real do jovem que chega a tais espaços, acolhendo-o em seus cotidianos imersos em uma sociedade de fluidez e incerteza. Com a cultura da modernidade cada vez mais virtual e abstrata, evidenciando fenômenos aceleratórios, imediatistas e descartáveis, em que o sólido se fragmenta e liquidifica (SUSIN, 2016) os impactos sobre as juventudes são intensos.

Sem apriorismos, torna-se necessário fazer um olhar honesto das realidades, para discernir os caminhos mais proximais com essa população (Francisco, 2019). Como afirma o Papa Francisco, a juventude, enquanto abstração, “não existe, existem jovens com suas vidas concretas” (FRANCISCO, 2019, p. 71). As multiplicidades juvenis encontram-se em relação com o outro e com o diverso: “eles não são o que somos, eles não são como somos” (TEIXEIRA, 2014, p. 19).

Nesse sentido, os espaços educativos são potentes e essenciais para a aproximação e o acompanhamento das juventudes (FRANCISCO, 2019). Entretanto, reconhece o pontífice, que se faz necessária uma autoavaliação das práticas educativas em espaços confessionais, por vezes centradas unicamente na instrução religiosa intelectual, o que resulta, em certas ocasiões, na impossibilidade de experiências mais significativas e duradouras (FRANCISCO, 2019). Propostas como o Pacto Educativo Global (GLOBAL COMPACT ON EDUCATION, 2020), indicam possibilidades de (re)construção do diálogo com as jovens gerações a partir de novos paradigmas antropológicos,

éticos e metodológicos que encorajam o relacionamento intergeracional nos ambientes educacionais por meio do acompanhamento (TEIXEIRA, 2020).

Ademais, torna-se cada vez mais emergente o olhar e a escuta sensível com jovens. A primeira sensibilidade proposta por Francisco é a atenção à pessoa de forma integral; a segunda, é atenção no discernir entre a verdade e os enganos detratores da vida; a terceira condiz à escuta profunda da intenção do coração humano (FRANCISCO, 2019). Compreendendo esse papel de acompanhamento a ser realizado nos espaços educativos em meio às complexidades acentuadas pelas transformações culturais e seus impactos nas vivências juvenis, reconhece-se a exigência de uma constante atualização de estudos, de conceitualizações, de contributos e de práticas aproximadoras.

Assim, este artigo se propõe a relatar a experiência de escuta e acompanhamento por meio da pesquisa científica com jovens. Para isso, apresenta a investigação realizada pelos Observatórios Juventudes da PUCRS e da PUCPR², organizado conjuntamente com a União Marista do Brasil (UMBRASIL). Em 2019, o Grupo de pesquisa conduziu um estudo intitulado “Vamos Falar Sobre o Ensino Médio: Os(as) Jovens Estudantes e suas Percepções sobre o Currículo no Brasil Marista” (UNIÃO MARISTA DO BRASIL *et al.*, 2020).

A pesquisa objetivou entender quais eram as percepções que jovens estudantes do Ensino Médio tinham sobre o currículo vivenciado nos colégios e unidades sociais do Brasil Marista³. A partir de metodologia mista (quantitativa e qualitativa), o estudo procurou contribuir para uma escuta aos jovens estudantes das três províncias maristas do Brasil. Na referida pesquisa, os participantes responderam, dentre outras, a questões que abordavam suas vivências de cultivo de espiritualidade na escola, podendo contar e opinar sobre esses momentos e iniciativas.

Diante do cenário desafiador esboçado inicialmente, da consequente urgência em repensar os processos de aproximação com jovens e conhecê-los em suas experiências espirituais e religiosas, promovidas inclusive nos espaços educativos, a pesquisa oferece a riqueza de dados destacados pelos próprios estudantes. Esse conteúdo foi pensado com base na análise do banco de dados do referido estudo, visando responder a seguinte questão: “Qual(is) iniciativa(s) se expressa(m) nas experiências espirituais e religiosas relatadas por jovens estudantes secundaristas em seus colégios?”

Dessa maneira, pretende-se contribuir para uma reflexão sobre a educação integral na abrangência das faces plurais e complexas da evangelização nas redes confessionais de identidade católica, com base nas descrições e percepções dos jovens como principais interlocutores da dinâmica de seu desenvolvimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Diante de tantas transformações e complexidades da contemporaneidade, faz-se necessária uma constante (re)avaliação das práticas, para um acolhimento e um acompanhamento que alcancem as aspirações e inquietações dos jovens de hoje. Pode-se pensar de imediato, na teologia pastoral com jovens. Tal ação envolve o campo compreendido como “inteligência reflexa da ação evangelizadora” (BRIGHENTI, 2021).

A teologia pastoral nos oferece uma reflexão sobre os modelos de ação da Igreja, que possuem, por sua vez, distintos modelos eclesiológicos subjacentes, visto que se trata de uma instituição divina e humana, logo sujeita a fatores culturais de cada período e de cada lugar de inserção (BRIGHENTI, 2011). Esses modelos de ação podem persistir no tempo, por vezes anacronicamente. Por se fazerem presentes nas práticas pastorais de hoje, torna-se substancial discorrer brevemente

sobre tais modelos, oferecendo um horizonte teórico de análise das vivências de espiritualidade dos jovens participantes do estudo. Fundamentamo-nos, para tanto, em Brighenti (2011, 2021).

O autor compreende a existência de uma série de modelos históricos da trajetória eclesial (BRIGHENTI, 2011), sendo que alguns persistiram ou se desenvolveram no contexto imediato ao Concílio Vaticano II, que pretendia superar alguns deles (BRIGHENTI, 2021). Nesse sentido, destaca-se o Concílio Vaticano II, através da Constituição Pastoral *Gaudium et spes* (1965a), que postulou para que as iniciativas pastorais impulsionassem o espírito humano e cristão no mundo através da participação das comunidades eclesiais e de cada pessoa em si; reforçou a necessidade da construção da harmonia intercultural, política e econômica; acentuou a necessidade de formação cristã não apenas em conhecimento teológico, mas entrelaçados com conhecimentos conducentes aos princípios de dignidade e elevação da vida humana.

Já na Declaração conciliar *Gravissimum Educationis* (1965b), a pastoralidade é apresentada através da importância do meio educacional que forma as jovens gerações e que deve ser assumida considerando a integralidade e a esperança cristã diante das sombras do mundo. Partindo do *sensus fidei* (sentido da fé), a expressão pastoral no Vaticano II, despertou novos significados e direcionadores do agir da Igreja, do seu magistério e dos princípios de evangelização.

Passadas décadas do Concílio, para Brighenti (2021) há vigência de modelos pastorais distintos: a pastoral de conservação (ou sacramental, ou cristandade), a pastoral coletiva (ou neocristandade), a pastoral de conjunto (ou orgânica e de conjunto, ou Igreja povo de Deus), a pastoral de comunhão e participação, e a pastoral secularista (ou da pós-modernidade). A Conferência de Aparecida propõe ainda um sexto modelo, a pastoral de conversão missionária (BRIGHENTI, 2011, 2021). Detemo-nos a explicar brevemente os paradigmas de pastoral.

A pastoral de conservação possui um modelo de evangelização centrada na dinâmica clerical. A prática da fé se apresenta amparada no cunho devocional, potencializada nas procissões, romarias, novenas e no culto aos santos. A vivência cristã se dá pela observância aos mandamentos da Igreja e pela recepção dos sacramentos, porém pressupondo que os fiéis já tenham sido evangelizados (BRIGHENTI, 2021). O risco é haver um dualismo entre clero e leigos, sendo estes receptores das ações daqueles, e entre o espiritual e o temporal, que é visto de maneira segmentada. A pastoral de conservação é decorrente do período medieval, predominantemente rural (BRIGHENTI, 2011).

A pastoral coletiva caracteriza-se por uma estratégia de evangelização com a primazia da defesa do catolicismo e da instituição ante a sociedade, bem como o combate aos padrões atitudinais da Modernidade e Pós-Modernidade. Mantém-se as perspectivas dualistas do modelo anterior. A Igreja é compreendida como uma “sociedade perfeita” em contraposição ao mundo. Assim sendo, compreende sua missão evangelizadora como captação de novos fiéis para a instituição, em uma ação centrípeta. Há uma ênfase em aspectos dogmáticos identitários na formação dos leigos. A pastoral coletiva teve suas origens na contrarreforma católica, daí seu caráter com tônica eclesiocêntrica e apologética (BRIGHENTI, 2011, 2021).

O Concílio Vaticano II instaura as bases para um novo paradigma eclesial, a pastoral de conjunto (BRIGHENTI, 2011). Passa-se a uma concepção de pastoral encarnada, atenta às realidades das pessoas que compõe as comunidades. Há uma clara proposição de superação dos dualismos, enfatizando o sacerdócio comum dos fiéis. Assim, desperta-se o engajamento ativo de todos os membros nas comunidades agindo nos mais diversos serviços e ministérios. Tais inserções não se limitam a uma atividade em âmbito paroquial, mas passam a uma atuação na realidade do mundo. A questão da sociedade perfeita é transformada pela compreensão de Igreja peregrina (povo de Deus) como sacramento visível do Eterno na temporalidade da vida humana. A Igreja, então,

passa a se colocar em diálogo com o mundo e não em oposição. Logo, a evangelização não é mais compreendida como medida de obtenção de adeptos, mas como compartilhamento gratuito do Evangelho e encarnação deste na história (BRIGHENTI, 2011).

Há ainda a chamada pastoral secularista que emerge em um contexto contemporâneo, caracterizada por um misto de práticas devocionais com uma espiritualidade por vezes pautada no sentimentalismo, no midiatismo e no descolamento social. Esse modelo atrai adeptos com a promessa de alcançar realizações, seja no âmbito da saúde, das finanças, dos relacionamentos afetivos, dentre outros, daí as afirmações do autor de que seria uma forma de religiosidade mercadológica, visto que parece apenas oferecer serviços pontuais. Há uma centralidade nas sensações e um deslocamento do místico ao subjetivo e individual, resultando no enfraquecimento dos vínculos de pertença comunitária e pastoral (BRIGHENTI, 2011).

Ao que concerne especificamente à pastoral juvenil, pode-se afirmar que tais fundamentos destacam a importância da interlocução da Igreja e dos espaços educativos com jovens, de forma que estes tenham oportunidades de integração, opinião e de ação nos variados contextos em que se encontram. Pensar na interlocução com jovens, faz pensar no que consiste a própria condição do protagonismo juvenil.

Dick entende o protagonismo juvenil como uma proposta pedagógica emancipadora, que deve “ajudar o jovem a assumir sua identidade e fazer-se sujeito da sua história” (DICK, 2013). Salienta também que o trabalho pastoral deve ocupar-se de cuidar dos jovens, não os comandar, oferecendo assessoramento adulto em espírito comunitário (DICK, 2013). Já o Papa Francisco adverte que se deve evitar um “culto à juventude” (FRANCISCO, 2019, p. 16) e um conseqüente desprezo aos mais velhos, bem como evitar considerá-las unicamente como uma etapa de passagem para a vida adulta, portanto de incapacidade para participação.

Os apontamentos destacados apresentam-se compatíveis com as críticas das ciências sociais a determinadas ideias acerca do termo protagonismo, conceito chave para um trabalho pastoral com jovens. Um deles, alinhado a uma lógica neoliberal, sugere que os jovens solucionem os seus problemas individuais e públicos sozinhos, sem uma corresponsabilização do Estado e do mundo adulto, que os abandona à própria sorte (SIQUEIRA, 2021). Também há um entendimento que relega ao jovem apenas decisões secundárias ou o referendo ao que já foi predefinido, de forma que o jovem segue como objeto e não sujeito das ações (BRANDÃO, 2019). Ambos os modelos, ora isolam e abandonam o jovem do contexto social e comunitário, ora desprezam a sua capacidade de participação.

METODOLOGIA

Apresentam-se os dados coletados por meio de grupos focais realizados com jovens do Ensino Médio (União Marista do Brasil et al., 2020) e que foram analisados previamente pela equipe que liderou a pesquisa via análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2016). São utilizados os conteúdos que constam no banco de dados e não somente os achados publicados no relatório da pesquisa. Optou-se pelo uso do banco de dados em função da abundância de achados que o compunham e que não haviam sido até o momento debatidos em publicações.

A partir desses achados será feita uma reflexão teórica de caráter ensaístico (LARROSA, 2004), dialogando com a literatura escolhida como referencial teórico. Larrosa considera o gênero ensaio como uma escrita no presente e para o presente, com caráter de autoria própria, crítica e consciente da própria condição de escrita (2004). Para o autor “o ensaio surge quando

se abre a possibilidade de uma nova experiência do presente” (LARROSA, 2004). Pretende-se, pois, fazer um retorno às falas dos jovens e às categorias de análise encontradas em busca de uma nova experiência reflexiva.

Optou-se pelo uso de dados empiricamente coletados no referido estudo a fim de assumir uma postura coerente de escuta aos jovens por meio de pesquisas científicas. Sendo assim, faz-se possível uma reflexão não sobre o jovem, mas sobre as práticas de evangelização a que estão sujeitos e a partir de suas opiniões. Consequentemente, pretende-se seguir uma linha coerente com a proposta pedagógica de acompanhamento, em uma lógica de trabalho não apenas “para” e “sobre”, mas “com” e “a partir” da pessoa jovem.

Ressalta-se que, na coleta dos dados, respeitaram-se os procedimentos éticos para a pesquisa com seres humanos foram respeitados. O estudo que gerou os dados aqui discutidos foi submetido e aprovado pelo comitê de ética da Pontifícia universidade Católica do rio Grande do Sul (PUCRS).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção traz alguns achados da fase qualitativa do estudo que serve de base para este artigo. Todas as informações aqui apresentadas constam no relatório gráfico da pesquisa (UNIÃO MARISTA DO BRASIL *et al.*, 2020) ou no banco de dados desta. Os elementos aqui expostos dizem respeito, principalmente, ao tema da evangelização das juventudes e serão também discutidos neste segmento do texto.

Participaram dos grupos focais 80 jovens. Desses, 55 eram de colégios e 25 de unidades sociais. A pesquisa envolveu ao todo 13 colégios e três unidades sociais das três províncias maristas no Brasil. Os estudantes tinham entre 14 e 17 anos e expressaram as suas opiniões por meio de 10 grupos focais, oito presenciais e dois na modalidade *on-line*.

Os jovens responderam a 19 questões abertas. O diálogo provocado por essas perguntas foi transcrito e, via análise textual discursiva, analisado. Dessa análise emergiram 4 categorias iniciais: “o jovem hoje”, “representações da escola”, “currículo” e “evangelização”. Neste artigo não discutiremos cada categoria em particular, tampouco as categorias finais. Ao contrário, realizaremos o movimento inverso ao de análise, a síntese das principais questões levantadas pelos jovens, principalmente sobre o tema da evangelização, juntamente com o debate à luz da teoria.

É preciso apontar que, nas falas dos jovens participantes, evidenciou-se uma pluralidade de opiniões, tendo em vista a multiplicidade de vivências em colégios diferentes, cidades diferentes e estados diferentes. Também eram plurais as realidades socioeconômicas. Assim, temas que eram ponto pacífico na experiência de alguns dos estudantes, não o eram, necessariamente, para outros. Houve uma dinâmica de polaridade de opiniões em vários aspectos, o que nos permitirá reflexões importantes a partir dessa salutar diversidade.

Experiência religiosa através da pastoral juvenil

O papel da Pastoral Juvenil Marista (PJM) no cultivo da espiritualidade foi um desses pontos que remeteu a relatos de experiência múltiplas. Enquanto para alguns a PJM exercia um papel significativo no cultivo da espiritualidade e auxiliava na vivência dos valores maristas dentro da instituição, outros salientavam necessidade de ampliação da visibilidade e inserção entre jovens não engajados nos grupos.

A PJM foi criada no ano de 2005 – após uma jornada de diálogo interprovincial e de acolhimento de experiências pregressas – com intuito de constituir uma identidade unificada para o acompanha-

mento e educação na fé dos jovens estudantes das unidades maristas no Brasil (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2015). As diretrizes institucionais que orientam os grupos dão conta da necessidade de assegurar uma compreensão da diversidade das juventudes, bem como de “acompanhar, dialogar, incluir e respeitar” essas distintas realidades (UNIÃO MARISTA DO BRASIL, 2015, p. 21).

Dentre as opções pedagógicas da PJM, destacam-se: 1) a escolha por pequenos grupos de jovens como espaço para amadurecimento na fé e vivência comunitária; 2) a educação na fé entendida como itinerário processual de formação integral⁴; 3) o acompanhamento como fundamental catalizador desses processos; 4) a organização e 5) a formação de lideranças cidadãs (Comissão internacional da pastoral juvenil marista, 2011).

Nas falas dos jovens, houve destaque à existência de um respeito às expressões religiosas dos quais os participantes aderem. Além disso, a atuação do grupo se daria para além das uniformizações, potencializando práticas conjuntas. Referindo-se a seu colégio, um dos jovens afirmou que: “é uma escola católica, mas eu vejo muita gente de outra religião fazendo PJM, participando dessas coisas que são só de rezar na visão dos outros” (estudante de colégio). De fato, por “experiência religiosa”, revelou-se algo que, positivamente, transcende as paredes da religião no seu sentido institucional (SUSIN, 2016).

Contudo, há vivências que indicaram um isolamento, um distanciamento dos jovens não participantes do grupo. Um dos participantes afirmou: “(...) ninguém fala com o pessoal da PJM. Eles são eles” (estudante de colégio). Outro ainda: “a gente sabe que eles existem, a gente sabe que eles usam camisetas coloridas e é mais ou menos isso” (estudante de colégio).

Na relação entre a participação de um grupo (parte) e o distanciamento da comunidade (todo), encontra-se o desafio de integrar e socializar os diversos núcleos, marcados por distintos modelos pastorais, não sendo exclusividade entre as juventudes, visto que retratam a própria contemporaneidade em seus movimentos de exclusão e inclusão. Os “antídotos” precisam ser pensados coletivamente, junto aos jovens. Pode ser valioso apostar no desenvolvimento de uma consciência dialógica e expansiva da necessidade de inculturação do Evangelho na própria vida cotidiana no espaço educativo, como os princípios da PJM acentuam. O posicionamento de um dos jovens denota essa intenção: “(...) a gente traz o carisma de dentro da PJM para o colégio” (estudante de colégio).

A opção pedagógica por pequenos grupos é afinada ao modelo de comunidades eclesiais de tamanho reduzido da pastoral de comunhão e participação – a partir das quais se pode pensar na formação de comunidades paroquiais, em um processo reconhecido como eclesiogênese (Brighenti, 2021). Nas pequenas comunidades de jovens no colégio está o potencial para a irradiação do Evangelho e do viver comunitário no espaço escolar.

Interculturalidade, experiência inter-religiosa de acolhimento

A constatação da possibilidade de convivência inter-religiosa no âmbito dos grupos pastorais dos colégios aponta para a opção pedagógica de formação de lideranças fundamentada em valores, como “tolerância, fraternidade, diálogo inter-religioso e ecumênico, respeito pelas diferenças étnicas e culturais” (COMISSÃO INTERNACIONAL DA PASTORAL JUVENIL MARISTA, 2011). Os jovens participantes expressaram ainda uma opinião de que a PJM exerceria também uma função de representatividade, configurando um local para expressão de opiniões:

(...) eu sou representada pelos diversos grupos da escola, PJM principalmente porque é uma... porque eu faço parte, eu acredito que a PJM possibilita novas experiências, novas

representações de opiniões, então eu sinto que sim, eu sou representada (estudante de unidade social).

Dessa forma, os jovens ligados ao referido grupo trouxeram, pois, vivências que aludem a uma educação cidadã, a uma formação implicada com questões que atravessam a condição juvenil, como o direito à liberdade de expressão religiosa e à representação, expressos no estatuto da juventude (ESTATUTO DA JUVENTUDE, 2013). Parece haver um engajamento no desenvolvimento de lideranças cidadãs, conectadas às realidades da sociedade contemporânea, portanto muito alinhado à concepção de pastoral de conjunto e de pastoral de comunhão e participação.

O Papa Francisco sinaliza a necessidade de que haja espaços de participação juvenil abertos, inclusive, a pessoas identificadas com outros credos. A essas configurações de grupo chamou de Pastoral Juvenil Popular (FRANCISCO, 2019). Tais iniciativas, ao qual a PJM parece apresentar características, são potentes espaços de constituição de um caminho sinodal à luz da passagem dos discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35), que foram ajudados a reconhecer a realidade (ver), interpretá-la (julgar) e então decidir (agir) (FRANCISCO, 2019). O método ver-julgar-agir-avaliar-celebrar é a proposta metodológica de escolha da PJM (Secretariado interprovincial marista, 2006) e o encontro de Jesus com os discípulos em Emaús, a sua inspiração pedagógica (Comissão internacional da pastoral juvenil marista, 2011).

De maneira geral, para além dos grupos pastorais escolares, há uma constatação geral de que há respeito às diferentes religiões nos ambientes educativos. Esse respeito não impede a instituição de promover espaços e tempos para o desenvolvimento de uma espiritualidade focada em valores comuns às diferentes expressões religiosas, mantendo a identidade católica:

(...) apesar da nossa escola ser uma instituição confessional, católica, eu penso que a gente trabalha muito a questão da espiritualidade ecumênica, de não impor a nossa religião às outras pessoas que creem diferente, mas, também, assim, aguçar uma espiritualidade interna sua de amor ao próximo, de empatia, de fé, não necessariamente uma religião institucionalizada. Então eu vejo que a gente vivencia uma espiritualidade muito forte e aí a gente canaliza pra o catolicismo já que é o procedimento que a escola adere (estudante de unidade social).

Essa constatação de acolhimento intercultural e inter-religioso nos espaços educativos também foi expressa por jovens que de fato se identificavam como adeptos de outra religião: “Eu mesma sou evangélica e eu nunca me senti desrespeitada, discriminada, enfim” (estudante de colégio). Assim, os colégios e unidades sociais cujos jovens estudantes participaram do estudo, testemunham vivências promotoras dos diálogos plurais. Tais experiências podem contribuir para a construção de uma sociedade inclusiva, que supere os extremismos – que estão, muitas vezes, a serviço de objetivos políticos populistas (XV Assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos, 2019) – e viabilizar, pois, um modelo de pastoral de conjunto nos espaços educativos. Diante de aspectos da religiosidade é necessário o estabelecimento de conexões com a diversidade em suas formas de expressão, através da relação com o conjunto da cultura e com o outro (SUSIN, 2016).

Ação pastoral dialogal e sinodal: passos para uma evangelização implícita e explícita

Os estudantes, contudo, também apontam a necessidade de ampliar a inclusão (para usar um termo por eles escolhido) de outras denominações religiosas, de maior possibilidade de debate entre

diferentes crenças, ao que afirmaram ser algo restrito às aulas de ensino religioso. Eis aí um desafio. Em um mundo cada vez mais globalizado e secularizado, a fim de que haja respeito às distintas religiões e culturas dos estudantes e de que, ao mesmo tempo, exista ação evangelizadora (que compreende evangelização como inculturação do Evangelho, encarnação deste na vida dos interlocutores e não mera implantação da instituição Igreja), faz-se necessário um processo pedagogicamente pensado (BRIGHENTI, 2011, 2021). Brighenti sinaliza sete passos que podem ser interessantes para que se pense uma ação pastoral de características dialogais e sinodais (BRIGHENTI, 2011).

Os três primeiros passos, para o autor, constituem em um processo de evangelização implícita. O primeiro passo seria a “presença testemunhal” (ou de empatia). Corresponde à inserção respeitosa nos contextos de forma a observar os valores presentes em toda a cultura (portanto, inclusive nas culturas juvenis). É um momento de respeito e aceitação incondicionais ao outro, concomitante ao um movimento de autenticidade e de congruência com o Evangelho, que não é falado, mas vivido. À luz da *Christus Vivit*, podemos dizer que, nesse movimento de aproximação, devemos considerar o coração do jovem como “terra sagrada’, portador de sementes de vida divina, diante de quem devemos ‘tirar as sandálias’ para poder nos aproximar e aprofundar no Mistério” (FRANCISCO, 2019, p. 30).

O segundo passo, chamado de “relação dialógica” (ou de simpatia) consiste no estabelecimento de um diálogo, caracterizado pela horizontalidade, humildade, amor à cultura do outro, confiança, esperança e autorrevelação (BRIGHENTI, 2011). Complementando as características necessárias ao estabelecimento de diálogo especificamente com as juventudes, o Papa Francisco aponta para a necessidade de dinamicidade e não imposição:

Para compreender um jovem hoje, você tem que entendê-lo em movimento. Você não pode ficar parado e pretender situar-se na profundidade da sua onda. Se quisermos conversar com um jovem, devemos ser móveis, e então ele vai diminuir a velocidade para nos ouvir; é ele quem tomará essa decisão (FRANCISCO, 2018, p. 35).

O terceiro estágio trabalhado por Brighenti é denominado “identificação e reconhecimento dos valores da cultura como sementes do Verbo”. Nele, estabelece-se o momento de discernimento dos valores encontrados em uma cultura ou religião, a fim de compreender sua compatibilidade ou não para com os valores evangélicos, à luz dos frutos do Espírito, e confirmá-los como “sementes do Verbo”, presença de Deus (BRIGHENTI, 2011). Esse movimento vai de encontro a uma tendência predominante de “dar respostas preconcebidas e receitas preparadas” (XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, p. 8) ou ainda de “fazer uma lista de calamidades, de defeitos da juventude atual” (FRANCISCO, 2019, p. 66). Pelo contrário, propõe-se uma identificação dos valores que compõem as culturas juvenis contemporâneas.

Os próximos passos constituem um processo de evangelização explícita. O quarto passo é chamado pelo autor de “anúncio amoroso e respeitoso da positividade cristã”. Consiste na apresentação amorosa da Boa Nova da Salvação que é proposta, não imposta. A tarefa do evangelizador é a de ser um facilitador do texto bíblico, dando os elementos exegéticos e hermenêuticos adequados a sua correta compreensão (BRIGHENTI, 2011). Nesse ponto, a Exortação Apostólica *Christus Vivit* pode novamente oferecer alguma iluminação específica ao processo de evangelização das juventudes, sobretudo quando propõe a liberdade no processo de discernimento e afirma que o acompanhador “deve plantar simplesmente a semente da fé nos jovens, sem querer ver imediatamente os frutos do trabalho do Espírito Santo” (FRANCISCO, 2019, p. 246).

No quinto passo, “mútua evangelização explícita ou reflexão crítica”, propõe-se, na lógica estabelecida de diálogo horizontal, a possibilidade de se deixar questionar a versão particular de cristianismo por aqueles que foram evangelizados, promovendo um contínuo processo de revisão de aspectos que podem ser tangenciais à fé, porque oriundos da cultura do evangelizador (BRIGHENTI, 2011). Aqui há espaço fértil para o diálogo intergeracional, atento à sabedoria das gerações passadas e às características proféticas das juventudes contemporâneas (FRANCISCO, 2018, 2019).

O quinto passo é denominado “apropriação ou assimilação sintética” e consiste em um processo de síntese ou incorporação do Evangelho à cultura original, dando nova coerência estrutural ao um todo oriundo da assimilação (BRIGHENTI, 2011). Portanto, não se trata de propor às juventudes uma incorporação acrítica ou meramente imitativa de cristianismo, mas auxiliar o jovem a “ser quem és e desenvolver o teu caminho próprio” (FRANCISCO, 2019, p. 162).

O último passo, chamado “surgimento ou crescimento de Igrejas culturalmente novas”, consiste na criação de novas comunidades eclesiais, portanto à adesão do sacramento da comunidade, entendido como único meio de dar concretude à experiência cristã (BRIGHENTI, 2011). Conforme o magistério de Francisco, os jovens “quando se entusiasмам por uma vida comunitária, são capazes de grandes sacrifícios pelos demais e pela comunidade” e complementa que “o isolamento os debilita e os expõe aos piores males do nosso tempo” (FRANCISCO, 2019, p. 110). Todavia, principalmente nos espaços urbanos, a vivência comunitária no espaço da paróquia tem sido um desafio, urgindo um movimento renovador (XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, p. 8) e apontando para a importância dos espaços educativos como lugares de iniciação cristã para muitos jovens.

Salienta-se, ainda, que a intenção de um processo pedagogicamente pensado de evangelização das juventudes não é fazer proselitismo religioso. O Papa Francisco nos lembra os males do proselitismo, apontando-o como um meio de usar os outros; ele entende que os jovens são sensíveis aos testemunhos pessoais, que precisam de adultos que demonstrem pelo exemplo, que se revelem mais pelo que são do que pelo que pregam, sem exigências (FRANCISCO, 2018).

Meditação e educação da interioridade

Outra vivência espiritual de significativa importância para os jovens refere-se ao espaço e ao tempo destinado à meditação. Essas iniciativas, em geral, estariam relacionadas com a promoção de bem-estar e autoconhecimento:

(...) toda a semana a gente tem o período de meditação, que é um período muito importante, pelo menos pra mim, porque, além de eu me reconhecer como pessoa, eu relaxo e fico mais tranquila com a pressão que tem no colégio. E eu acho muito importante entender como que é e o que nós somos, eu acho muito importante (estudante de colégio).

Não fica claro na fala dos jovens como essas práticas são trabalhadas e sua ligação ou não com a espiritualidade e ainda mais especificamente, com a espiritualidade cristã. Cabe-nos, pois, apenas refletir sobre os cuidados necessários aos acompanhadores, a fim de que os momentos de meditação que conduzem com os jovens possam ser vias efetivas de um processo de caminhada na fé, a partir da educação da interioridade e do cultivo de uma espiritualidade não autorreferencial, mas fortalecida no espírito comunitário. Um desses cuidados é evitar tratar a meditação apenas

como “fitness cerebral”, um meio para desenvolver a tolerância ao estresse em um contexto de constante pressão ou para maximizar a performance acadêmica (MORAES, 2019; ORTEGA, 2009).

Ambos os fatores estão muito mais associados a uma demanda do modelo socioeconômico e seus efeitos do que ao desenvolvimento de experiências espirituais ou religiosas significativas. Não objetamos os benefícios do relaxamento. Apenas é preciso considerar que a meditação praticada com foco apenas nos benefícios potenciais à saúde pode trazer o risco de uma cisão entre o indivíduo e o social. Se a centralidade é tão somente corpo ou as experiências subjetivas, perde-se a oportunidade do desenvolvimento do vínculo de pertença comunitária, aspecto bastante presente em um modelo de pastoral secularista, em que a Igreja assume um lugar de distribuidora de produtos e serviços.

O perigo de práticas que se limitam a esses aspectos é uma utilização acrítica, como meio de manutenção de dinâmicas perversas de exigência e uma negligência à procura do jovem pela dimensão espiritual:

Em geral, os jovens afirmam estar em busca do sentido da vida e demonstram interesse pela espiritualidade. Essa atenção, no entanto, às vezes é vista como uma busca pelo bem-estar psicológico, e não como uma abertura ao encontro com o Mistério do Deus vivo (XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, p. 49).

Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* esses apontamentos se relacionam à crise do compromisso comunitário, evidenciando que está habitual na atualidade um “excesso de diagnóstico” que pode conduzir a cultura de um bem-estar que “anestesia-nos”. O caminho está na linha de um discernimento evangélico que irrompa o individualismo pós-moderno e globalizado que debilita os vínculos sociais (FRANCISCO, 2013). É verdade que nem sempre isso ocorre, visto que há meios de desenvolver pertença comunitária mesmo por meio de grupos de meditação.

Não foi observado nas falas dos jovens que participaram da pesquisa, mas sabe-se que, por vezes, há uma total desvinculação de qualquer roupagem místico-religiosa em algumas práticas meditativas (MORAES, 2019) ou, o oposto, um sincretismo religioso tal que não permite o estabelecimento de referências. Fato é que o desafio à espiritualidade cristã é a exacerbação da preocupação atual com espaços atuais de autonomia e relaxamento que possam romper o espírito de comunhão e a cultura missionária (FRANCISCO, 2013). Sobre esse aspecto, é preciso alertar-se que em muitos setores da sociedade vem crescendo:

O apreço por várias formas de “espiritualidade do bem-estar” sem comunidade, por uma “teologia da prosperidade” sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivistas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista (FRANCISCO, 2013, p. 77).

A proposição de práticas meditativas não religiosas pode favorecer uma aproximação com a espiritualidade, se aquela for entendida como etapa de um processo vivo, dinâmico e potencializador de alteridade. Tais práticas são capazes de impulsionar outras experiências, pois propiciam o desenvolvimento da escuta e do silêncio, tão prejudicados na dinâmica social contemporânea. A meditação não religiosa pode ser também um caminho de iniciação à meditação dentro da tradição cristã (FREEMAN, 2004) e, portanto, uma via de reconstrução do diálogo com aqueles jovens que se dizem indiferentes à Igreja ou que dela se afastaram (XV ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019).

A educação da interioridade nesta ótica, poderia vir a contribuir com a autenticidade do espírito vivificante e sinodal, em superação do “mundanismo espiritual”, que se alimenta ou pelo

“fascínio do gnosticismo” subjetivista que se interessa mais nas aparências que enclausuram na imanência a própria razão e os próprios sentimentos; ou no “neopelagianismo autorreferencial” que impele os jovens a crerem apenas em suas próprias forças através de um elitismo narcisista e arbitrário (FRANCISCO, 2013).

Momentos de reflexão, oração, formação e celebrações

Fazem parte da rotina de alguns dos jovens participantes da pesquisa as reflexões, as orações, os momentos formativos e as celebrações eucarísticas. Há consenso entre eles de que, nos momentos de oração e reflexão propostos, há um respeito às diferentes expressões religiosas. Distanciam-se, no entanto, acerca do sentido encontrado nessas práticas. Na fala de alguns jovens: “(...) não é uma forma que atinge a gente, então, às vezes, é algo que a gente só vê acontecendo, mas não é algo que inclui a gente(...)” (estudante de colégio) e ainda “É, é perda de tempo, tipo, a gente, querendo ou não, perde 10 minutos do período todo (...)” (estudante de colégio). Em contrapartida, um jovem afirma que:

Acho muito legal e muito importante a reflexão no início do dia da aula porque tu alguns dias vem meio estressado, sem vontade de ter aula, normalmente é assim, mas com a reflexão muitas vezes tu acaba se acalmado e teu dia fica mais alegre com a reflexão. Então, eu acho algo muito importante de se fazer (estudante de unidade social).

Há um aceno positivo aos momentos formativos promovidos, por vezes, fora do espaço escolar, os quais são pensados como eventos, de certa forma, fora da rotina. Nessas ocasiões, trabalham-se também valores, posicionamentos e a espiritualidade.

Lá no colégio a gente tem, pelo menos uma vez ao ano (...) um dia que a gente vai pra uma chácara do colégio que é um lugar mais retirado e a gente passa uma manhã inteira refletindo (...) eu até sou muito grata por essa questão de formação de pessoas, de valores, de ideias, posicionamento, eu acho que é muito forte isso (estudante de colégio).

Quanto às celebrações eucarísticas, alguns relataram uma dinâmica de realização periódica. Por vezes, a participação é sistemática:

(...) todas as quintas, tem missa na capela do colégio. E cada quinta-feira do mês é obrigatório para uma série diferente. Mas é livre pra pessoa ir na missa se não for da sua série, pode ir, assim. Então, eu acho que essa é a forma do colégio expressar a espiritualidade (estudante de colégio).

Algumas reflexões emergem a partir das considerações feitas sobre as quatro diferentes iniciativas supracitadas (as reflexões, as orações, os momentos formativos e as celebrações). Em algumas delas, não fica claro se o jovem é de fato um interlocutor do processo ou apenas receptor. Conforme Brighenti: “Quem não tem direito de participar do processo de decisão não tem nenhuma obrigação de participar de sua execução” (2011, p. 205). É evidente que existe uma divisão prática entre aqueles que promovem e organizam as atividades e aqueles que são público delas, concebendo o distanciamento dualista que torna os jovens depositários de crenças e práticas.

Todavia, tal situação pode e deve ser minimizada a partir do diálogo e da construção coletiva com os jovens. Falando sobre essa característica da troca de saberes, tão fundamental na educação cristã dialógica, o Papa Francisco lembrou que:

Educar não significa apenas ensinar teorias; significa, acima de tudo, dialogar, fazer triunfar o pensamento dialógico. Um bom educador quer aprender algo todos os dias com as crianças, com os filhos. Não existe educação unidirecional, mas apenas bidirecional (FRANCISCO, 2018, p. 134).

De forma semelhante, educar na fé não pode ser algo fragmentado, limitado ao ensino doutrinário ou regimentário. Nesse sentido, os momentos formativos colaboram por favorecer espaços e tempos oportunos para que se provoquem experiências espirituais significativas, na visão dos jovens. Tais momentos podem caracterizar ocasiões subsequentes integrados organicamente na sistemática do cotidiano escolar. Ao mesmo tempo, há que se pensar em como aprofundar paulatinamente o querigma através da experiência de encontro transcendente com o divino (FRANCISCO, 2019, p. 213).

Algumas questões se impõem a partir da constatação por meio dos jovens de que existem atividades sacramentais habituais. Uma dessas iniciativas apontadas, refere-se às celebrações litúrgicas. De fato, nos princípios da evangelização está a essência conducente à iniciação à vida cristã. Por outro lado, a educação na fé introduzida pela vivência sacramental requer não apenas colocar alguém em contato, mas em intimidade mistagógica com Jesus Cristo. No entanto, esta se dá através dos compostos processos de formação de uma nova mentalidade aberta a experiência da fé (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2021).

Cada vez mais a educação para o diálogo embasa o próprio anúncio querigmático e a vivência sacramental torna-se proposição aos jovens iniciados como interlocutores (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2021). Clarear a intencionalidade litúrgica e dialogar sobre a ação de graças que se enleva pode favorecer a compreensão, disposição na participação e engajamento das juventudes nas celebrações, sobretudo como membros principais das equipes litúrgicas.

Acolher as perguntas acerca das vivências sacramentais (e mesmo não sacramentais) pode impulsionar respostas fundamentais para elucidar a proposta pedagógico-pastoral tácita vigente nos espaços educacionais. Assim, considera-se que urge o convite aos jovens a protagonizar as iniciativas espirituais, religiosas, pastorais (DICK, 2013; FRANCISCO, 2019). Mantê-los à margem soa como um “neoclericalismo”, uma divisão hierárquica artificial entre cristãos, que se distancia muito da proposta de um caminho sinodal, de acompanhamento, de escuta e de diálogo com as juventudes (FRANCISCO, 2019).

O itinerário relatado no texto dos discípulos de Emaús, como percurso educativo de acompanhamento com jovens oportuniza um ciclo dinâmico de diálogo e descoberta. Assim, “fazer caminho” é colocar-se aberto à realidade das vivências juvenis, sem esperar predefinições. Este deve ser o diferenciador de uma pedagogia que cultiva a espiritualidade desde dentro da integralidade da condição juvenil, inspirada na ética cristã e cidadã (INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou, com base na análise do banco de dados de um estudo precedente, averiguar como os paradigmas pedagógicos-pastorais se expressam nas vivências espirituais rela-

tadas por jovens estudantes de Ensino Médio em seus colégios. Recorda-se que a pesquisa ocorreu no locus de instituições confessionais de identidade cristã católica. De maneira geral, verificou-se uma multiplicidade de vivências nas falas dos jovens, que expressam diferentes modos de cultivo da espiritualidade. Repara-se importante abertura dos jovens à transcendência, mas não necessariamente à eclesiologia institucionalizada.

Iniciativas como pastorais juvenis, grupos de convivência e os momentos formativos pareceram apresentar certa potência, viabilizando vivências de cultivo de espiritualidade que convidam o jovem a olhar a sua realidade, refletir sobre ela e atuar entre outros jovens. Assim, ficam evidentes características ligadas a uma pedagogia pastoral que promove o protagonismo das juventudes e a uma eclesiologia de conjunto ou de comunhão e participação.

Já outras práticas, algumas vezes de viés impositivo, na fala dos próprios jovens, não os atingem. Tratam-se, em geral, de atividades que os colocam em lugar de passividade, alijados da possibilidade de pensar e propor as iniciativas. Nesses casos, alguns tendem a ver tais ocasiões como perda de tempo e sem importância. Semelhante a ações ligadas à pastoral de conservação, há uma cisão entre quem pensa e quem recebe, bem como um foco em repetições tradicionalistas, em um entendimento de que os indivíduos já foram evangelizados. Assim, fragiliza-se a promoção de um caminho espiritual de descoberta e de construção integrativa entre fé e vida.

Observou-se, ainda, que a meditação e a educação para a interioridade pode ser uma via de entrada para o cultivo da espiritualidade, sobretudo por meio de práticas de meditação cristã. Todavia, exige-se uma reflexão crítica, a fim de que meditar não se torne apenas uma forma de suportar contextos de vida adoecedores ou mesmo, que fomente a autorreferencialidade, segmentando o ser em si do ser comunitário. Nessa circunstância, estaria negligenciada a vontade do jovem de desenvolver uma espiritualidade implicada com o contexto social em que se insere. Pelo cunho alienante e centrado no corpo e nas emoções, tais práticas estariam próximas de uma pastoral secularista.

Para uma ação pastoral pensada a partir dos pontos levantados na pesquisa e do que propõe Brighenti, pode ser importante, à guisa de conclusão, salientar brevemente alguns aspectos. Urge uma descentralização de poder de decisão (BRIGHENTI, 2011) elaborando formas de protagonismo dos jovens nas iniciativas a eles oportunizadas nos espaços educativos de modo a superar os individualismos próprios da atualidade. É preciso refletir sobre planejamentos que fujam do imediatismo, que sejam de longo prazo, focados em processos e não em resultados. Assim como, ter a frente que projetos de vida – e de vida em abundância - integram projetos de sociedade, de educação e também, de Igreja (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2021).

Sem a pretensão de um total planejamento das ações, tampouco de uma total improvisação, é necessário saber onde se pretende chegar com o que se propõe com jovens, caso contrário, há um risco de incorrer em amadorismo e na repetição de ações cotidianas. Ainda salienta a importância de trabalhar em comunidades pequenas, de tamanho humano, de onde a experiência da fé pode então irradiar (BRIGHENTI, 2011).

Não pretendemos, com este artigo, esgotar o tema de estudo, tampouco oferecer respostas prontas e universais. Sabemos que os dados colhidos junto aos estudantes são um retrato de uma realidade e que não encerram a totalidade das experiências de evangelização das juventudes nos espaços educativos.

Compreendemos ainda a sua datação histórica anterior à pandemia de COVID-19 a qual traz inúmeros outros desafios não considerados aqui e que são limitações deste ensaio. Contudo, é inegável que os achados apontam para a necessidade de reflexão constante e revisão das práticas a

fim de que as ações pastorais venham ao encontro das buscas espirituais dos jovens e de uma Igreja que caminha conjuntamente, como peregrina em um mundo em constante mudança.

THE CARE OF SPIRITUALITY IN EDUCATIONAL PLACES FROM THE REPORT OF THE EXPERIENCES OF HIGH SCHOOL YOUTH

Abstract: cultural and social changes have started multiple challenges to initiatives with young people in a variety of contexts. From the perspective of youth spiritual experiences on educative places, the challenges include the rethinking their acceptance and engagement in places of Christian identity. Therefore, beginning from data analysis of a research showed in 2020, the aim of this article was to investigate aspects of the care of spirituality expressed in the experiences reported by young High School students. The results showered to a multiplicity of experiences, sometimes denoting the promotion of youth engagement and participation, sometimes a distancing from decisions and/or apparent youth passivity in the face of initiatives. Interculturality, practices of interiority, Christian or non-Christian spirituality, different religious and non-religious experiences were present. It concludes by accentuating the dialogue as a method of accompaniment and emphasizing the need for a constant theoretical and practical update that support strengthening actions of the culture of the encounter with young people.

Keywords: *Youth. Students. Education. High School. Spirituality.*

Notas

- 1 Essa opção foi explicitada, primeiramente, na 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (CELAM), realizada em 1979, na cidade de Puebla de Los Angeles e reafirmada para toda a Igreja da América Latina e do Caribe, na 1ª Assembleia Eclesial do CELAM, realizada em 2021, na cidade do México que dentre os objetivos, visou contribuir para uma “segunda recepção” do Concílio Vaticano II. A juventude foi colocada como prioridade pastoral para toda a Igreja da América Latina e do Caribe.
- 2 Como iniciativas multidisciplinares das universidades Maristas no Brasil, produzem conhecimento sobre/ para/com as juventudes, difundem-no por meio da produção de materiais e iniciativas interventivas, os quais subsidiam e assessoram gestões, serviços e lideranças que atuam com essa população.
- 3 As Unidades Sociais são espaços que oportunizam novas perspectivas de futuro a crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de vulnerabilidade. Esse estudo contou com uma amostra de estudantes do Ensino Médio de colégios privados e de Unidades Sociais Maristas. No período da investigação, algumas Unidades Sociais possuíam Ensino Médio. Em 2023, houve uma reorganização administrativa: todos os colégios privados e sociais Maristas do território brasileiro passaram a integrar o Marista Brasil. As Unidades Sociais sem Ensino Médio, passaram a responder como Centros Sociais dedicados aos projetos extracurriculares e compromisso social com a comunidade.
- 4 Por formação integral rompe-se os conceitos dualistas derivados de uma antropologia segmentada. A integralidade compreende o todo do ser, não o reduzindo às perspectivas educativas neurocêtricas.

Referências

- BRANDÃO, M. D. (2019). Medo, adoração e encantamento na política de juventude brasileira. *O Público e o Privado*, v. 34, p. 51-85. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublico/privado/article/view/2643/2114>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- BRIGHENTI, A. *A Pastoral dá o que Pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. 2. ed. Paulinas, 2011.
- BRIGHENTI, A. *Teologia pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*. Editora Vozes, 2021.
- COMISSÃO INTERNACIONAL DA PASTORAL JUVENIL MARISTA. *Evangelizadores entre os jovens: documento de referência para o Instituto Marista*. FTD, 2021.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2022: Texto-Base*. Edições CNBB, 2021.

- DAYRELL, J.; CARRANO, P. Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega à escola. In J. DAYRELL, J.; CARRANO, P.; MAIA, C. L. (eds.). *Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo*. UFMG, 2014. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/01/livro-completo_juventude-e-ensino-medio_2014.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.
- DICK, H. (2013). Mínimo do mínimo para anunciar uma boa-nova à juventude. *Caderno Ciência e Fé*, v. 1, n. 3, 2013. Disponível em: https://identidade.pucpr.br/webapp/assets/images/instituto_ciencia_e_fe/upload/file72361_icf-minimo-do-minimo-para-anunciar-jesus.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.
- ESTATUTO DA JUVENTUDE. *Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013*. 2013.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Paulinas, 2013.
- FRANCISCO. *Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini*. Planeta do Brasil, 2018.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit para os jovens e para todo o povo de Deus*. Paulus, 2019.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: Sobre a fraternidade e a amizade social*. Paulinas, 2020.
- FREEMAN, L. *Os olhos do coração: a meditação na tradição cristã*. Palas Athena, 2004.
- GLOBAL COMPACT ON EDUCATION. (2020). *Pacto Educativo Global: vademecum*. 2020. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS. *Evangelizadores entre os jovens: documento de referência para o Instituto Marista. Volume 1*. FTD, 2011.
- LARROSA, J. (2004). Operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação e Realidade*, v. 29, n. 1, p. 27-43, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25417/14743>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- MORAES, M. R. C. O desencantamento da meditação: da união mística ao fitness cerebral. *Religião & Sociedade*, v. 39, n. 1, p. 224-248, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n1cap10>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. *Análise textual discursiva (3ª)*. Unijuí, 2016.
- OLIVEIRA, V. H. N. (2020). Juventudes, escola e cidade na pandemia de COVID-19. *Boletim de Conjuntura*, v. 4, n. 10, 2020. Disponível em: http://novo.fundap.sp.gov.br/arquivos/PDF/Boletim_18_set_2012_COMPLETO.pdf. Acesso em: 22 mar. 2023.
- ORTEGA, F. Neurociências, neurocultura e autoajuda cerebral. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 13, n. 31, p. 247-260, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1414-32832009000400002>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- PAULO VI. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no Mundo Atual*, 1965a. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 22 mar. 2023.
- PAULO VI. (1965b). *Declaração Gravissimum Educationis sobre a educação cristã*, 1965b. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acesso em: 22 mar. 2023.
- SECRETARIADO INTERPROVINCIAL MARISTA. *Diretrizes Nacionais da Pastoral Juvenil Marista*. FTD, 2006.

- SIQUEIRA, T. B. Protagonismo juvenil: cooptação ou emancipação dos jovens? *Cadernos Do Aplicação*, v. 34, n. 1, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/111194/61504>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- SUSIN, L. C. Religiosidade e Educação Popular em Contextos Interculturais. *Revista Práxis*, v. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/562>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- TEIXEIRA, I. Uma carta, um convite. In *Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Editora UFMG, 2014.
- TEIXEIRA, P. E. de L. (2020). Pacto Educativo Global: a oportunidade de (re)construção do diálogo com as novas gerações. *Revista Educação*, v. 43, n. 162, p. 45-60, 2020. Disponível em: <https://revistas.anec.org.br/index.php/revistaeducacao/article/view/374>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- UNIÃO MARISTA DO BRASIL. *Pastoral Juvenil Marista: orientações para a revitalização*. UMBRASIL, 2015.
- UNIÃO MARISTA DO BRASIL, OBSERVATÓRIO JUVENTUDES PUCRS/REDE MARISTA, OBSERVATÓRIO DAS JUVENTUDES PUCPR. *Vamos falar sobre Ensino Médio? Os/as jovens estudantes e suas percepções de currículo no Brasil Marista*. EDIPUCRS, 2020. Disponível em: <http://www.umbrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Pesquisa-Vamos-falar-sobre-Ensino-Médio.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- XV Assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos. *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*. Paulus, 2019.